

FORMAÇÃO DOCENTE EM QUÍMICA NA SOCIEDADE DE CONSUMI(DORES): DOS NÓS NA GARGANTA A UM MACRAMÊ ECOPOLÍTICO

Maria Cecília dos Santos Vieira¹

Nyuara Araújo da Silva Mesquita²

Resumo

Este artigo é um recorte de um estudo que teve como objetivo analisar se os estudantes de um curso de Licenciatura em Química de um contexto específico, se percebem dentro da lógica consumista e/ou como afetados por ela. A partir de elementos acerca do perfil sociocultural dos estudantes foi possível identificar a falta de interação social dos sujeitos e o distanciamento de locais que permitem a aproximação com os outros e com a natureza. Ademais, por não pertencer à classe mais abastada da sociedade, o grupo está muito mais propenso a experimentar as dores da vulnerabilidade social e das injustiças ambientais do que os “benefícios” da lógica consumista. Diante disso, anunciamos fibras que podem contribuir com a confecção de um macramê ecopolítico no contexto da formação docente em química, além de propiciar o (re)conhecimento e enfrentamento de situações degradantes.

Palavras-chaves: Educação Ambiental; Licenciatura em Química; Formação Ecopolítica.

CHEMISTRY TEACHER TRAINING IN THE CONSUMER SOCIETY: FROM KNOTS IN THE THROAT TO AN ECOPOLITICAL MACRAME

Abstract

This article is an excerpt from a study aimed at analyzing whether students on a Chemistry degree course in a specific context perceive themselves as being part of the consumerist logic and/or as being affected by it. Based on the students' socio-cultural profile, it was possible to identify their lack of social interaction and their distance from places that allow them to get closer to others and to nature. Furthermore, because they don't belong to the wealthiest class in society, the group is much more likely to experience the pain of social vulnerability and environmental injustices than the "benefits" of consumerist logic. In view of this, we announce fibers that can contribute to the making of an ecopolitical macrame in the context of teacher training in chemistry, as well as providing (re)knowledge and coping with degrading situations.

Keywords: Environmental education; Chemistry degree; Ecopolitical training.

INTRODUÇÃO

¹ Licenciada em Química, Mestra em Ensino de Ciências e Doutoranda em Educação em Ciências e Matemática no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Goiás (UFG).

² Licenciada, Mestra e Doutora em Química. Professora associada da área de Ensino de Química na UFG, orientando no mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática e no Programa de Pós-Graduação em Química.

Diferentemente de um outro tempo, o da modernidade sólida descrito por Bauman (2021), tem-se no contexto contemporâneo/moderno-líquido, o deslocamento da preocupação com a produção de mercadorias para a incidência prioritária da dimensão do consumo. Este traço, observado desde a segunda metade do século XX, está relacionado com a visão de que o que está em jogo na economia mundial não é apenas a concentração do capital, mas também a sua capacidade de movimentação. Em outros termos, é preciso manter o capital em fluxo contínuo, o que demanda a construção de estratégias que incluem a modificação do sistema de produção e a ampliação da lógica de consumo. Se na modernidade sólida o consumo estava atrelado ao que era produzido, o que se vê agora é a produção do desejo que serve de estímulo à obtenção de objetos, que podem ser mercadorias de marcas famosas, relações afetivas e traços de identidade (SILVA; SILVA, 2020).

O fenômeno do consumo têm raízes tão antigas quanto os seres vivos. Todavia, o consumismo é uma moldura e/ou atributo da sociedade capitalista, um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, que os transforma na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica e a estratificação social. A lógica consumista também interfere na formação de indivíduos, desempenhando diversos papéis nos processos de autoidentificação individual e de grupo, na seleção e execução de estilos de vida (BAUMAN, 2008) que colaboram com a perpetuação e renovação do capitalismo que, mesmo em períodos de crise, renasce das cinzas como uma fênix, trazendo consigo infortúnios à sociedade e ao ambiente.

Um nó situado no cerne da lógica consumista diz respeito às desigualdades, isto é, se alguns indivíduos são mais abastados que outros, então estes possuem uma maior chance de adquirir e acumular bens, produtos e marcas de seus desejos. Ora, todos são passíveis de desejar algo, mas nem todos podem - no sentido de ter condições para - consumir (FRANÇA; JAQUES, 2017), restando-lhes, na maioria das vezes, as dores agudas e crônicas da vulnerabilidade social, das injustiças ambientais, da insegurança alimentar, etc. Alguns dados do relatório “Lucrando com a Dor” da organização *Oxfam* Brasil são apresentados por Vieira e Mesquita



(2023a), colocando em evidência a situação de desigualdade mundial ao sinalizar que apenas 10 pessoas, as mais ricas do mundo, detêm um capital maior do que a combinação de 40% da população mais pobre, equivalente a 3,1 bilhões de pessoas.

Nessa lógica, as pessoas sem dinheiro, cartões de crédito e/ou entusiasmo por compras e imunes aos afagos do *marketing*, são invisibilizadas e consideradas como “consumidores falhos” ou ervas daninhas no jardim do consumo. Como resultado da seleção negativa, só jogadores ávidos e ricos possuem a credencial para permanecer no jogo do consumo. Entretanto, a situação financeira não os isenta de infortúnios porque a sociedade de consumi(dores) “*prospera enquanto consegue tornar perpétua a não satisfação de seus membros (e assim, em seus próprios termos, a infelicidade deles)*” (BAUMAN, 2008, p.64)”.

Nesta sociedade o que predomina é o encorajamento e/ou reforço da escolha por um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, rejeitando todas as opções culturais alternativas. O espaço que os indivíduos “necessitam” e são aconselhados a obter lutando e a defender com unhas e dentes, só pode ser conquistado expulsando outros seres humanos, em particular os indivíduos que se preocupam e/ou podem precisar da preocupação dos outros. Logo, a possibilidade de povoar o mundo com gente mais afetuosa e induzir as pessoas a terem mais afeto não figura nos panoramas traçados pela lógica consumista (BAUMAN, 2008).

Diante desta conjuntura, percebemos a necessidade de uma mudança estrutural na gênese e moldura da sociedade contemporânea, que caminha com o *slogan* “consumo, logo existo” mencionado por França e Jaques (2017) e sem pensar nos impactos da lógica capitalista como a degradação ambiental e o aprofundamento das desigualdades sociais. Caso isto não seja feito, os imperativos “*do lucro, da propriedade privada, da competição, da meritocracia individualista, do consumismo, do desperdício da produção destrutiva, da financeirização da Vida e da liberdade econômica (desregulação do Estado) [...]*” seguirão inabalados (LAYRARGUES, 2020, p.21). Nesse sentido, pensar em uma formação para os membros da sociedade que se fundamente em outra lógica pode ser um caminho

possível, chamado por nós de macramê neste texto, para contribuir com a transformação mencionada.

O cenário contemporâneo convoca e provoca a EA a contribuir no sentido de ampliar a consciência crítica dos sujeitos acerca da realidade e de mitigar as causas e os efeitos da degradação socioambiental sistêmica em suas múltiplas implicações (LIMA; TORRES; REBOUÇAS, 2022). Mas esta é uma tarefa desafiadora, pois requer o enfrentamento da apatia e desinteresse da sociedade em relação à realidade socioambiental, que devido a sua complexidade requer um debate profundo e permanente, em um momento - modernidade líquida - que paira a superficialidade, o consumo excessivo e o sentimento de pertencimento (VIEIRA; MESQUITA, 2023b) à sociedade de consumi(dores). Afinal de contas, nem todos estão dispostos a parar em meio à rotina frenética para refletir sobre outras formas de ser, estar e de se relacionar no mundo, que vão na contramão do que está posto, até porque este exercício exige um grande e relutante esforço, e significa sair de comodismos e abdicar de *status* e “agrados” que a lógica vigente proporciona.

Ainda que existam nós na garganta, infortúnios socioambientais e desafios para a confecção de macramês em diferentes contextos, inclusive no âmbito das licenciaturas, que também são atravessadas por esta lógica, destacamos a importância de uma formação ecológica, no sentido mencionado por Layrargues (2020; 2022), que tenha no horizonte o ideal de superação da fórmula do sujeito ecológico despolitizado. Esse tipo de formação direciona-se a um perfil docente com atributos que colaboram com o enfrentamento da degradação socioambiental, além de fornecer fibras/elementos para que em suas práticas e por meio delas, possam inspirar e desencadear discussões políticas acerca da realidade.

A partir destas fibras os licenciandos poderão interpretar arranjos e fazer amarrações, quer dizer, analisar e questionar as contradições e atrocidades que acometem a sociedade de consumi(dores), além de estabelecer relações com as causas e pensar em possibilidades para - ao menos tentar - desatar ou remover os nós. A título de exemplo, no contexto brasileiro vivenciamos recentemente um período trevoso, tendo o ápice na pandemia, com a negação de fatos, censura de

informações, incentivo à desobediência das recomendações científicas comprovadas, etc. Tal situação culminou em uma proposital tragédia e no desamparo dos mais vulneráveis, que dependiam de um auxílio econômico emergencial que pouco encontrou seu destino. Este cenário forçou a classe trabalhadora a escolher entre morrer doente infectado pelo vírus ou morrer de fome, tornando-se a ponta da lança do mercado para reativar a roda da economia capitalista (LAYRARGUES, 2020).

Para alguns, os detentores do capital, a situação representou um período atípico que pouco ou nada influenciou em seu bem-estar, para outros custou a própria vida e/ou as dores das perdas. O ponto mais visceral é que muitos sequer (re)conhecem/eram a perversidade da lógica vigente, que deu a escolha de trabalhar e se expor para continuar consumindo ou ser literalmente consumido. Eis uma questão, que possui muitos nós, mas que nos leva a refletir sobre a urgência de uma formação ecopolítica, que permita no mínimo, que as pessoas compreendam a crueldade contida na gênese dos acontecimentos.

À vista disso, modulações no processo formativo docente são necessárias, tendo em vista as peculiaridades da sociedade contemporânea. Tão logo, cabe o questionamento: como promover o engajamento dos licenciandos em discussões sobre a realidade socioambiental, que são profundas por natureza, estando imersos em um ambiente moderno-líquido que oferece instantaneamente tantos estímulos? Carvalho (2022) menciona que, atualmente, os estudantes têm dificuldade em manter-se atentos, em estar focados na aula sem interagirem com o dispositivo móvel, isso porque habituaram-se a que tudo “está a um clique”, sejam as redes sociais ou as informações que pesquisam na *Web*. Concordamos com a autora ao destacar a importância de que os estudantes, sejam engajados (envolvidos) para estarem atentos, focados e interessados na superação dos desafios. Partindo desses pressupostos, este artigo possui o objetivo de analisar se os estudantes de um curso de Licenciatura em Química de um contexto específico, se percebem dentro da lógica consumista e/ou se sentem afetados pelas dores por ela causada.

OS MOLDES INVESTIG(ATIVOS) E AS MÃOS QUE TRANÇAM

O artigo caracteriza-se metodologicamente como estudo de caso, que envolve três fases conforme mencionam Nisbet e Watt (1978) *apud* André (2008), a saber: a fase exploratória, a fase de coleta de dados e a de análise sistemática dos dados. A fase inicial é denominada exploratória e corresponde ao momento de definir o caso, confirmar ou não as questões iniciais para entrada em campo, localizar os participantes e estabelecer os instrumentos de coleta. O contexto do estudo e os sujeitos, isto é, as mãos envolvidas foram dezessete estudantes matriculados na disciplina de Química Ambiental do curso de Licenciatura em Química de uma instituição pública localizada na região Centro-Oeste do Brasil, além da docente responsável pela disciplina e uma professora colaboradora, ambas autoras deste trabalho.

Na fase de coleta de dados, utilizamos questionários, que foram direcionados aos participantes na tentativa de traçar o perfil sociocultural desse público, bem como para analisar se eles se percebem dentro da lógica consumista e/ou afetados por ela. Os questionários são de característica mista e foram aplicados antes do início e durante as discussões realizadas no âmbito da disciplina. Após a fase de coleta, a investigação encaminhou-se para a fase “mais formal” de análise, isso porque ela deve estar presente nas anteriores também, mas acaba tornando-se sistemática após o encerramento da coleta (ANDRÉ, 2008).

Esta fase contou com o auxílio da Análise Textual Discursiva (ATD), uma técnica analítica que possui a finalidade de produzir novas compreensões sobre fenômenos e discursos, oriundos nesse caso das respostas dos estudantes aos questionamentos feitos por meio do *Google Forms* e da plataforma *mentimeter*. Apesar da análise textual se concentrar em mensagens, na linguagem e no discurso, seu “corpus” não precisa ser necessariamente verbal, podendo se referir a outras representações simbólicas (MORAES; GALIAZZI, 2016). Neste estudo, além do discurso utilizamos dados de gráficos gerados a partir das respostas.

Seguindo o passo-a-passo da ATD, emergiram unidades de base que ao

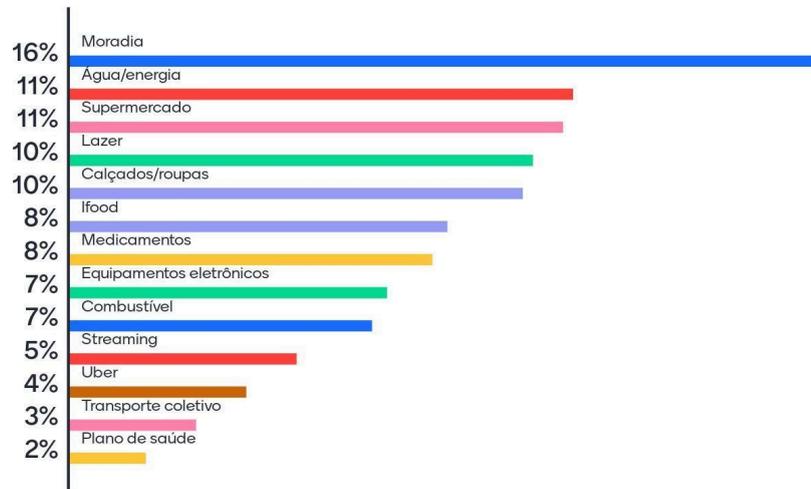
serem relacionadas moldaram duas categorias denominadas “Um perfil sociocultural na sociedade de consumi(dores)” e “Traços da lógica consumista e um macramê ecopolítico”. Pela análise das categorias foi possível compreendê-las e sobretudo, perceber a importância de pensar em possíveis modulações no processo de formação ambiental. Nesse sentido, como fruto do processo auto organizado da ATD, anunciamos elementos para discussões de caráter ecopolítico na formação de professores de química em forma de macramê.

UM PERFIL SOCIOCULTURAL NA SOCIEDADE DE CONSUMI(DORES)

O perfil sociocultural caracteriza um grupo em diversos aspectos que interferem no modo de pensar, de agir, refletem os valores, os costumes etc. Partimos desse pressuposto quando emergiu a categoria relacionada ao perfil sociocultural do grupo investigado, além de considerar que ele pode auxiliar na compreensão do discurso. Assim sendo, os participantes deste estudo estão na faixa etária entre 20 e 27 anos, possuindo uma renda média familiar que varia entre 1 a 2,5 salários mínimos.

O grupo foi questionado sobre a seguinte situação: *Suponha que você acaba de receber o salário do mês e ele equivale a 100%. Faça a distribuição dos gastos de acordo com as suas prioridades habituais.* A figura 1 apresenta a porcentagem que corresponde a média das respostas em cada item sugerido.

Figura 1. Distribuição dos gastos (média).



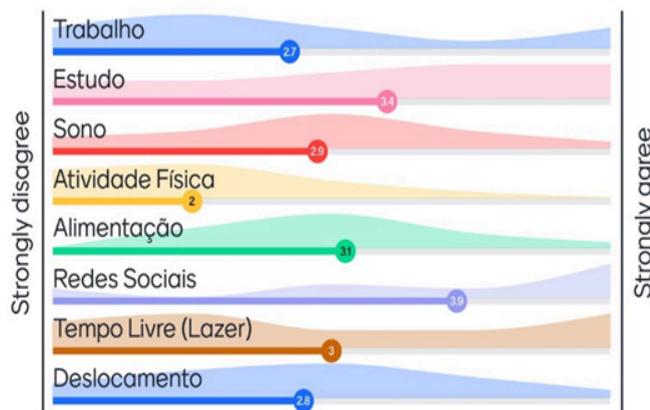
Fonte: *mentimeter*, 2023.

A análise dos dados permite a compreensão de que o grupo não pertence à parcela mais abastada da população brasileira, estando muito mais propenso a experimentar as dores da vulnerabilidade social, de injustiças ambientais e da insegurança alimentar do que os “agrados” que podem ser proporcionados pela lógica consumista. A título de ilustração, destacamos as prioridades assinaladas pelo grupo - moradia, água/energia e supermercado - que são demandas básicas para a sobrevivência. Reforçamos assim a fala de Siqueira (2016), que as vantagens que podem existir dentro desta lógica só são aproveitadas pelas elites, enquanto as camadas médias e baixas, não são alvo dela, mas sim de seus pesos.

De acordo com Souza e Galiazzi (2012), a organização do tempo tem sido realizada seguindo os princípios do mercado, sendo que os sujeitos tendem a se privar do convívio social para poupar o tempo, utilizado em prol do trabalho, possibilitando através do retorno financeiro, o consumo e usufruto de mercadorias. Todavia, concordamos com Vieira e Mesquita (2023b) ao afirmarem que o problema não é o ato de consumir e sim o consumismo, que arrasta as mazelas da ordem capitalista, conduzindo a excessos que promovem danos socioambientais irreparáveis.

Diante disso, para sondar sobre a forma que os estudantes utilizam o tempo, eles foram orientados a marcar em uma escala de 1 a 5 o tempo gasto diariamente com algumas atividades. A figura 2 apresenta a média das respostas.

Figura 2. Uso do tempo diário (média).

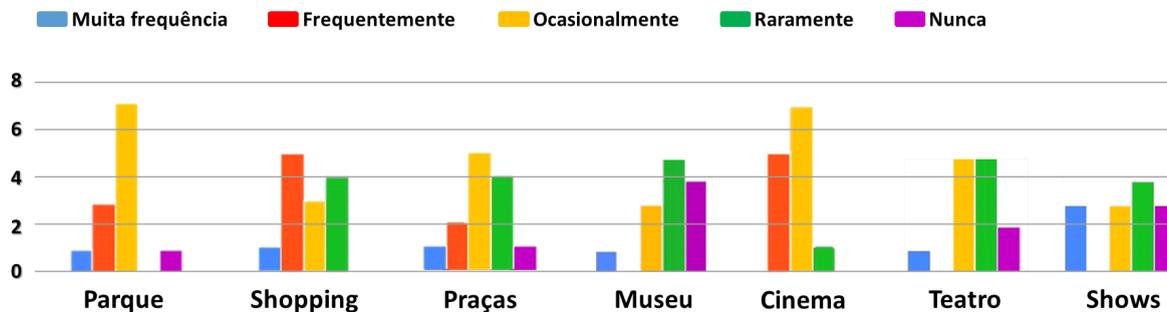


Fonte: *mentimeter*, 2023.

Não surpreende o fato do tempo desprendido para as redes sociais seja maior ou que em casos similares esteja em igual medida comparado às demais atividades uma vez que vivemos em uma “[...] sociedade cada vez mais “plugada”, ou para ser mais preciso, sem fio” (BAUMAN, 2008, p.7). O embaraço ocorre quando essa atividade começa a ser atravessada por estímulos e *slogans* que reforçam a lógica consumista, influenciando as relações socioambientais de modo a catalisar a ocorrência das situações elencadas por Souza e Galiuzzi (2012) como a corrosão de valores, a privação do convívio e de vínculos sociais, entre outros.

Os dados da figura 3 demonstram que o grupo possui o hábito de ir com maior frequência em *shoppings* e ao cinema. Bauman (2021) caracteriza os *shoppings* como templos de consumo, destinados a transformar as pessoas em consumidores. São lugares que encorajam a ação e não a interação, onde a tarefa principal é o consumo, um passatempo absoluta e exclusivamente individual. Segundo o autor, os encontros - quando ocorrem - acabam sendo breves e superficiais, não mais longos e nem mais profundos, porque isso interfere no propósito da compra.

Figura 3. Locais frequentados (frequência).



Fonte: Google Forms, 2023.

Outro aspecto que merece destaque acerca dos dados da figura 3 é sobre as praças e parques, os quais são frequentados ocasionalmente pelo grupo, provavelmente em seu tempo livre. Lugares como estes, que são públicos, inspiram - ou deveria inspirar - respeito, mas ao mesmo tempo tem desencorajado a permanência uma vez que não há bancos para descansar, nem árvores sob cuja sombra podemos nos esconder do sol escaldante (BAUMAN, 2021). A respeito disso, Vieira e Mesquita (2023b, p.6) comentam que gradativamente estes elementos “[...] são retirados de seu local de origem para ceder espaço a prédios, avenidas e rodovias, comprometendo a manutenção do clima, além da capacidade natural de redução de materiais tóxicos no ambiente”.

A ordem capitalista acaba ditando para onde os sujeitos devem ir, o que devem pensar, fazer, consumir e até sentir. De forma complementar, destacamos a recente notícia sobre a empresa Meta, controladora do *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*, que está sendo processada por utilizar de funcionalidades das plataformas para prejudicar e contribuir com o agravamento da crise de saúde mental juvenil. A ação movida por 33 estados no tribunal federal da Califórnia alega que a Meta lucra com a dor dos jovens ao projetar intencionalmente suas redes com recursos manipuladores que as tornam viciadas em suas plataformas, e ao mesmo tempo, diminuem sua autoestima (TV CULTURA, 2023). Porém, nesse caso, as dores são sentidas não somente pelos pobres, mas também pela parcela mais privilegiada/rica da sociedade.

Bauman (2013) utiliza de argumentos parecidos com os de França e Jaques (2017) para falar sobre a influência das propagandas e do *marketing* na vida dos sujeitos. Segundo ele, por meio do *marketing* é feito um esforço superdispendioso de determinar, instilar e cultivar desejos nos potenciais compradores para se transformar na decisão de obter determinado produto. Ademais, as redes/sites sociais têm aberto novas paisagens para agências que tendem a se concentrar nos jovens e a tratá-los como “terras virgens” à espera de conquista e exploração pelo avanço das tropas consumistas. A referida situação requer vigilância uma vez que os jovens, público investigado neste estudo, possuem o hábito permanecer parte significativa de seu tempo em ambientes virtuais.

A propósito, ao serem questionados sobre as formas em que normalmente se comunicam com as pessoas, os estudantes sinalizaram que as conversas ocorrem com muita frequência por meio do aplicativo *WhatsApp* em primeiro lugar, seguido de pessoalmente e do *Instagram*. Entretanto, de acordo com Santos e Guimarães (2020), a *internet* e as diferentes redes sociais contribuem com a modificação da noção de tempo e espaço, podendo por um lado promover a conexão de pessoas em todos os lugares do mundo e por outro lado, desconectar de pessoas ao seu redor.

Pensando em contextos formativos e considerando que o público está cada vez mais plugado conforme explicita Bauman (2008), as tecnologias digitais se colocam como uma das possibilidades de promover a interação dos estudantes nas discussões, inclusive sobre a realidade socioambiental. Estas tecnologias, quando integradas ao processo de ensino e aprendizagem, podem se tornar instrumentos potentes se utilizadas com o devido planejamento e a partir de intencionalidades educativas bem definidas. Aliás, existe atualmente uma ampla variedade de aplicativos e plataformas que são facilmente acessadas pelo dispositivo móvel, objeto praticamente inseparável dos estudantes.

A título de exemplo, Carvalho (2022) apresenta as características da plataforma *mentimeter*, utilizada inclusive como instrumento de coleta de dados no presente estudo. A plataforma permite criar questionários de múltipla escolha e de



resposta aberta com *feedback* imediato, além de nuvens de palavras em que os envolvidos podem ver a nuvem se formando à medida que respondem, etc. Segundo a autora, o uso desse tipo de plataforma pode auxiliar o professor no recolhimento de informações sobre as compreensões dos estudantes, e simultaneamente, proporcionar a interação. Endossamos isso a partir da experiência de utilização que contou com a participação dos estudantes presentes nas aulas da disciplina de Química Ambiental, acessando a plataforma e respondendo às indagações. Dessa forma, pode-se perceber maior engajamento/envolvimento do grupo nas discussões.

TRAÇOS DA LÓGICA CONSUMISTA E UM MACRAMÊ ECOPOLÍTICO

A presente categoria emerge como possibilidade de analisar se a moldura da realidade em que vivemos - que possui forte influência da lógica consumista - é (re)conhecida ou não pelos participantes do estudo.

Na contemporaneidade, as individualidades são formadas para atender a mudanças que ocorrem constantemente. Nesse contexto, mesmo vivendo no modo de escravidão contemporâneo algumas pessoas se sentem livres, e por não compreender a gênese dos acontecimentos e/ou da situação em que vivem, perdem a chance de se tornar genuinamente livres (BAUMAN, 2021), ou de pelo menos, enxergar que a liberdade que supostamente possuem é condicionada a diversos fatores ancorados na ordem capitalista. Dessa maneira, se sobressai a pergunta direcionada aos estudantes: *você se sente livre para tomar decisões em sua vida relacionadas ao consumo de objetos que são do seu interesse e à escolha do seu estilo de vida? Justifique sua resposta.*

A maioria dos participantes, isto é, 53,8% respondeu que sim, 38,4% dos estudantes disseram não e os demais, 7,6%, não responderam. A respeito da parcela que respondeu de forma afirmativa, destacamos algumas falas:

Me sinto livre, pois trabalho e não dependo de ninguém financeiramente (A12).

Sim, tento ser o mais organizada possível com a minha vida financeira para

que eu me mantenha consciente do que posso consumir ou não ao ter começado a ganhar meu próprio dinheiro. Meus pais também me ajudam na questão financeira, principalmente na faculdade, e são quem me ajudam a construir meu estilo de vida. A respeito do estilo de vida, alguns de meus hábitos, costumes e comportamentos eu sinto ter autonomia sobre eles, entretanto em alguns aspectos há a influência de pessoas próximas (A5).

Sim, me sinto livre para fazer minhas próprias escolhas, porém sinto que me baseio naquilo que também está em tendência no momento, como por exemplo, roupas (A9).

A questão da liberdade é complexa por natureza, mas permite compreensões acerca da visão dos estudantes sobre a presença e/ou ausência de condicionantes em processos de escolhas e tomada de decisões na vida cotidiana. O primeiro relato conflui no mesmo sentido da maioria das respostas afirmativas, no qual os estudantes acreditam possuir a liberdade dita genuína, o que gera determinada preocupação e reforça a importância da emancipação mencionada por Bauman (2021). Segundo o autor ela é necessária para libertar-nos de grilhões que existem na sociedade, que obstruem e impedem movimentos, para então começar a sentir-nos livres para agir.

Por outro lado, o segundo e o terceiro relato demonstram que apesar dos estudantes se considerarem livres, eles reconhecem que esta liberdade é condicionada, seja pela dependência financeira da família ou por influências externas. Especificamente na segunda fala, a estudante ressalta que suas compras seguem tendências atuais da moda. Sendo importante realçar que estas tendências são pulverizadas pelo *marketing* e a propaganda, que utilizam de jogos de palavras e sentidos para ativar a vontade dos sujeitos (FRANÇA; JAQUES, 2017), que logo tornam-se consumidores ávidos seguindo os ditames da ordem capitalista.

Os estímulos e *slogans* que induzem à lógica consumista também se sobressaem nas falas daqueles que responderam que não se sentem livres, conforme explicita A1. Mas de maneira geral, foi a questão financeira que se destacou neste grupo de respostas, quer dizer, a falta de recursos como impeditivo de escolha por outro estilo de vida e do consumo de determinados objetos que são do interesse dos estudantes, o que pode ser observado nas falas de A4 e A11.

Não, de certa forma estou sempre em contato com produtos que custam muito caro. A medida em que as redes sociais proporcionaram um acesso e visualização melhor de produtos de marcas mais caras ficou cada vez mais difícil não querer consumir tais coisas e até mesmo não questionar o meu estilo de vida (A1).

Não muito. Creio que a liberdade hoje em dia é um conceito bem complexo e está entrelaçado a muitas outras coisas. Nesse caso, por exemplo, às vezes não consigo consumir o que realmente queria para adotar certo estilo de vida por questões financeiras (A4).

Não sei se entendi a pergunta, mas como eu raramente tenho a renda para consumir as coisas (mesmo um livro de 20 reais, as vezes me põe em apuros no fim do mês) então acredito que não tenho essa liberdade (A11).

As respostas ajudam a demarcar o abismo que separa os que podem daqueles que não podem usufruir dos agrados e do *status* de pertencer à sociedade de consumi(dores). Nesta lógica, como bem argumentam França e Jaques (2017), todos podem desejar, mas nem todos têm condições para consumir, às vezes sequer os itens básicos para a sobrevivência. A liberdade pode ser tanto uma oportunidade de alcançar o consumismo exacerbado, quanto a impossibilidade de participar ativamente da vida de consumo e com isso promover a frustração ou até mesmo traumas e doenças psicológicas (SIQUEIRA, 2016).

Então, ao mesmo tempo que o mundo está cheio de possibilidades a serem exploradas, ele também pode ser o promotor de angústias, inseguranças e da infelicidade dos sujeitos (BAUMAN, 2021) seja pelo excesso ou pelas faltas. A título de ilustração, quando o grupo foi questionado sobre a impossibilidade de realizar compras por 30 dias na *Shopee*, *AliExpress*, *Ebay* e/ou *Shein*, 76,9% responderam que sua reação seria indiferente, mas 15,4% disseram que ficariam muito insatisfeitos e 7,7% insatisfeitos.

Para analisar como e se os estudantes se sentem afetados de alguma forma pela atual moldura da sociedade, pedimos: *Comente um pouco sobre fatos ou situações que lhe despertam o sentimento de impotência no seu cotidiano*. Em relação às respostas, 7,69% não respondeu, 15,38% afirmaram não se sentir impotente e 76,9% sinalizaram motivos que despertam o referido sentimento. Dentre os motivos, destacaram-se incômodos com o alto preço de determinados produtos,

incertezas em relação ao presente e ao futuro, insatisfação com a desigualdade social e a degradação ambiental, entre outros.

A sociedade de consumi(dores), segundo Bauman (2008), prospera enquanto consegue tornar perpétua a não satisfação de seus membros, que pode ser observada por exemplo na fala de A6. Podendo assim, despertar o desejo que serve de estímulo para a obtenção de determinado objeto (SILVA; SILVA, 2020), nesse caso as roupas. Logo, neste contexto, pairam as incertezas, os medos, ansiedades e angústias (Bauman, 2021), como as elencadas por A1 e A11.

Me sinto impotente quando vou no shopping e vejo roupas por 10 mil reais (A6).

Um fato que desperta um sentimento de impotência frequentemente é a certeza de que mesmo que esteja em um curso de nível superior meu futuro não está totalmente certo, sempre pode ter algum motivo que me faça temer não ter condições financeiras para ter qualidade de vida boa. Situações em que me encontro com pessoas que possuem mais dinheiro me fazem perceber mais a diferença entre classes e como é injusto a distribuição per capita atualmente (A1).

Falta de segurança (em relação a violência e assaltos) e não poder ser capaz de mudar isso, medo constante de não ser uma boa profissional ou de nem sequer ter essa oportunidade ao me formar... Falta de confiança com o meu próprio conhecimento, sempre achando que fiz algo de errado (A11).

O mundo dos consumi(dores), além de ser um lugar abarrotado de mercadorias é também cheio de culpas e responsabilidades, conforme relato de A11. Nele, os fracassos identitários são de responsabilidade individual, cabendo aos sujeitos se adaptar ao mundo que os cerca (SIQUEIRA, 2016). Essa tendência de culpabilização individual também ocorre quando se trata da atual situação de degradação ambiental. Mas de acordo com Loureiro (2019) isso acontece porque as pessoas são vistas como independentes da sociedade pelas quais se constituem. Dessa forma, perde-se no caminho a capacidade de estabelecer relações e refletir sobre qual sociedade e que tipo de pessoa estabelece o que chamamos de degradação ambiental.

As falas de A9 e A5, que aparecem na sequência, revelam os nós na garganta dos estudantes, isto é, a indignação e preocupação com a realidade

socioambiental, apontando situações de desigualdade social e de degradação ambiental. Enfatizam com isso a ponderação de Bauman (2021) sobre o fato dos sujeitos lidarem atualmente com um desagradável ar de impotência no temperado caldo da liberdade.

Situações de desigualdade social como pessoas que moram nas ruas e que na maioria das vezes não possuem agasalhos, cobertores ou alimentos; crianças que estão trabalhando, por exemplo vendendo doces no semáforo, para ajudar na renda de casa e que nesse tempo poderiam estar na escola; o atendimento na área da saúde que as vezes é muito caro para aqueles que precisam de ajuda imediata, não possuem recursos o suficiente (A5).

Não ter condições de ajudar pessoas em situações de rua ou animais abandonados; ver lixo jogado no chão ou nos rios e não fazer parte de um movimento social para poder ajudar na coleta desses resíduos; ver que a poluição, em todas as suas esferas está aumentando a cada dia e parece que não estamos dando a devida preocupação para este fato emergente; ver que a sociedade está mais preocupada com a produtividade (trabalho, dinheiro, etc) do que com tempo de descanso (cuidado com saúde mental), parece que vivemos apenas para trabalhar, e o tempo de descanso para si e para com amigos e família fica em segundo plano (A9).

Algumas mazelas que acometem a sociedade e acabam sendo enraizadas com o auxílio da lógica consumista, sobressaíram nas falas, como a cobrança pela produtividade e a competitividade, também mencionadas por Siqueira (2016). Todavia há que se ter no horizonte que essas características não podem ser normalizadas, tampouco reforçadas, mas precisam ser “ [...] *trabalhadas e superadas, uma vez que se configuram como desafios oriundos da influência do capitalismo na formação da individualidade humana* (VIEIRA; MESQUITA, 2023b)”.

Realçamos a inquietação de A9, que mediante a realidade socioambiental se sente incomodada por não fazer parte de um movimento social que contribua com a mudança do atual cenário. É inegável que a ação política de movimentos sociais antissistêmicos abre espaço para reflexões acerca das raízes dos problemas, possíveis alternativas societárias (LOUREIRO; LAYRARGUES, 2013) e para pressionar as autoridades competentes. Destacamos o movimento “Guardiões do Bem Viver”, fundado por jovens do município de Santarém no Pará. No local, foram criados assentamentos para preservar reservas extrativistas dos vários conflitos territoriais que acometem a região desde o século XX. O coletivo é definido por uma



das lideranças, Darlon Neres, como defensores da floresta, da terra, da cultura e da ancestralidade, tendo como propósito passar a história da comunidade de geração para geração, com ideais de justiça social, direitos humanos e garantia do território (TAPAJÓS DE FATO, 2023).

Concordamos com Neres ao mencionar que estes movimentos precisam de mais espaços e que a universidade é um deles, para divulgá-las e desenvolver pesquisas que podem embasar ainda mais as lutas em defesa do território e entender como a juventude - pode e - vem se articulando e se organizando (TAPAJÓS DE FATO, 2023). Então, aproximar a juventude da experiência desses movimentos é relevante porque que eles trazem aspectos emergentes - como o Bem Viver - que permitem ampliar a dimensão crítica da EA a partir do rico repertório que surge no campo das lutas socioambientais (STORTTI; SÁNCHEZ, 2018).

Nas trincheiras EA estão importantes combates da invisibilização e da sujeição à sociabilidade capitalista. Seu fazer político-pedagógico é um movimento de resistência contra-hegemônica em ação, lutando contra a compreensão distorcida da realidade socioambiental e desvelando aquilo que é ideologicamente apresentado para desfocar a perversidade da ordem capitalista (LAYRARGUES, 2022). Considerando a necessidade de mudar a direção para qual os membros da sociedade tem sido formados, que idealizamos a confecção de um macramê ecopolítico no contexto das Licenciatura em Química. Pensando nisso, reunimos alguns elementos/fibras que podem auxiliar neste processo questionando a moldura atual e a lógica consumista que é ecologicamente insustentável, socialmente problemática e economicamente instável (JACKSON s.d. *apud* BAUMAN, 2013).

De início, os objetivos da tecelagem precisam ser orientados para a form(ação) de sujeitos com características semelhantes às mencionadas por Layrargues (2020; 2022), a saber: a) Ser subversivo e para tanto dotado de conhecimentos para agir politicamente na luta contra a ordem vigente - injusta e ecocida; b) Saber se expressar para além da esfera doméstica e do círculo de consumo, isto é, diferentemente da dócil subserviência à obediência e ordem; c) Não se contentar com a limitação do comportamento “ecologicamente” orientado na

esfera privada como fórmula sagrada - que é inócua e fracassada para lidar com realidade socioambiental, etc.; e d) Estar determinado a combater a degradação socioambiental e reverter o jogo a favor da revitalização das áreas naturais e protegidas, etc.

Para tanto, se faz necessário, e também é possível por meio da EA, tematizar a ética e os valores hegemônicos como o consumismo, o individualismo, e despertar a necessidade de cultivar a solidariedade; o cuidado de si, do outro e do ambiente; discutir sobre fontes alternativas de felicidade além do consumo; e estilos de vida alternativos à racionalidade capitalista. Essa estratégia educativa abre horizontes e permite perceber que a vida é múltipla e que existem diversas possibilidades de desenvolvimento ajustáveis às culturas e às necessidades das comunidades e das nações. Da mesma forma, possibilita a percepção de que existem diferentes estilos de vida e modos de ser e estar no mundo (LIMA; TORRES; REBOUÇAS, 2022).

Complementarmente às formas de tematizar e questionar o curso dos acontecimentos na sociedade orientada pelo capitalismo e pela lógica consumista, ressaltamos os entrelaces teóricos feitos por Vieira e Mesquita (2023a; 2023b), utilizando dos aportes teóricos da EA na perspectiva crítica e dos fios/conceitos discutidos por Zygmunt Bauman, como o de emancipação, individualidade, tempo, espaço, trabalho e comunidade. De acordo com as autoras a problematização dos conceitos no âmbito das licenciaturas têm o potencial de contribuir com a formação política – acrescentamos que até ecológica – dos sujeitos e da coletividade para a transformação socioambiental.

Todavia, concordamos com Layrargues (2020) ao mencionar que, para a transformação pretendida, não basta apenas ampliar o repertório de conhecimentos sobre as fases e interfaces da problemática socioambiental, tampouco reforçar a importância dos limites ecológicos não serem ultrapassados. De acordo com o autor, para o campo da EA, não se trata apenas de incorporar novos temas para o debate pedagógico, é preciso também que haja uma nova atitude dos sujeitos, não apenas ecológica, mas ecológica, que supere a importante mas desproporcional contribuição individual para a mudança e se engaje na luta política, que integre

movimentos políticos, faça parte da esfera pública, que se engaje na causa, que seja movido pela ambição de interferir. Em síntese, pensando no macramê, não basta ampliar o conhecimento da realidade socioambiental por meio das fibras/temas, mas é imperativo formar capacidades e atitudes de enfrentamento coerente à urgência do desafio que nos está posto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, foi possível identificar características inerentes ao perfil sociocultural dos participantes, que é atravessado pela ordem capitalista, com forte influência da lógica consumista. Não pertencendo à classe mais abastada da sociedade em vez de usufruir de “benefícios”, os participantes estão muito mais sujeitos a sofrer com as dores e com os nós na garganta. Dentre os atravessamentos, destacamos a falta de interação pessoalmente e em locais que promovam a aproximação dos sujeitos com os outros e com a natureza. Isso porque a forma de comunicação mais utilizada pelo grupo ocorre por meio do *Whatsapp* e dentre os locais mais frequentados está o *shopping*, que favorece a ação da compra e não necessariamente a interação entre as pessoas.

Consideramos, a partir dos resultados, que a maioria dos participantes se percebem dentro da lógica consumista e/ou como afetados de alguma forma por ela. Sobre os nós na garganta, foram relatados incômodos com o preço de determinados produtos e o fato de não poder consumi-los, incertezas em relação ao presente e ao futuro e a insatisfação com as mazelas que acometem a sociedade como a desigualdade social e a degradação ambiental. Diante do sentimento de impotência e insatisfação com o rumo tomado pela sociedade de consumi(dores) e a necessidade de transformação, apresentamos fibras que podem contribuir com a confecção de um macramê ecopolítico no contexto de form(ação) docente em química.

Para esse propósito, se faz necessário engajar os estudantes nas discussões sobre a realidade socioambiental, o que pode ser feito - sempre que possível - com o auxílio das tecnologias digitais como o *mentimeter*; tematizar por meio da EA

conceitos que permitam a compreensão acerca da lógica que rege a sociedade de consumi(dores), relacionando-os de alguma forma com a química; apresentar e aproximar os estudantes das experiências de movimentos antissistêmicos, que defendem alternativas societárias distintas da qual estamos inseridos; tentar envolvê-los no processo de confecção conjunta de tranças e no desatar de nós no âmbito das lutas políticas, preparando-os para (re)conhecer e enfrentar situações funestas como a desigualdade social e a degradação ambiental.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M.E.D.A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3º ed. Brasília: Ed. Liber livro, 2008.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BAUMAN, Z. **Sobre educação e juventude**: conversas com Ricardo Mazzeo. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Coletivo Guardiões do Bem viver é objeto de estudo de artigo da Universidade Federal do Amazonas-UFAM. **Tapajós de Fato**, 21. Mar. 2023. Disponível em: <https://www.tapajosdefato.com.br/noticia/1085/coletivo-guardioes-do-bem-viver-e-objeto-de-estudo-de-de-artigo-da-universidade-federal-do-amazonas-ufam>. Acesso em 13 nov.2023.

CARVALHO, A.A.A. As tecnologias digitais como facilitadoras de estudantes engajados, responsáveis, críticos e criativos. In: LEITE, B.S. (Org). **Tecnologias digitais na educação**: da formação à aplicação. São Paulo: Livraria da Física, p.17-49, 2022.

FRANÇA, G.K.C.S.; JAQUES, S.M. “Assim caminha a humanidade, ao passo consumista e com vontade”: a conformação com o modo de vida consumista e a constituição de sujeitos ávidos a consumir. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v.7, n.13, p.134-144, 2017.



LAYRARGUES, P.P. Pandemias, colapso climático, antiecológico: educação ambiental entre as emergências de um ecocídio apocalíptico. **Revbea**, v. 15, n.14, p.1-30, 2020.

LAYRARGUES, P.P. Educação ambiental crítica e formação ecológica. In: SALDI, L.; SALGADO, S.D.C.; COSENTINO, P.; ESCHENHAGEN, M.L. (Orgs.) **Senti-pensarnos Tierra: Educación Ambiental Y Ecología Política en clave latinoamericana y del caribe**. Buenos Aires: CLASCO, n.10, p.65-73, 2022.

LIMA, G.F.C.; TORRES, M.B.R.; REBOUÇAS, J.P.P. A educação ambiental crítica brasileira frente às crises contemporâneas: desafios e potencialidades. **Revbea**, v.17, n.5, p.117-131, 2022.

LOUREIRO, C.F.B. **Educação ambiental: questões de vida**. São Paulo: Cortez, 2019.

Meta é processada por estados americanos por afetar saúde mental de crianças. **TV Cultura**, 25 out. 2023. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/62204_meta-e-processada-por-estados-americanos-por-afetar-saude-mental-de-criancas.html. Acesso em 11 nov. 2023.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**, 3ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

SANTOS, D.G.G.; GUIMARÃES, M. Pertencimento: um elo conectivo entre o ser humano, a sociedade e a natureza. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v.37, n.3, 2020, p.208 - 223.

SILVA, R.B.; SILVA, G.E. Sociedade de consumi(dores): da realização prometida à angústia da fragilidade identitária pela flexibilidade e desempenho. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v.10, n.22, p.77-91, 2020.

SIQUEIRA, V. Emancipação – modernidade líquida. **Colunas tortas**, 2016. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/emancipacao/>. Acesso em: 09. nov. 2023.

SOUZA, M.A.S.; GALIAZZI, M.C. Formação para a educação profissional na perspectiva ambiental: uma crítica ao modelo societário hegemônico. **Ambiente & Educação**, v.17, n.2, 2012, p. 65 - 77.

STORTTI, M.A.; SÁNCHEZ, C. Educação ambiental e a prática educativa dos movimentos socioambientais latino-americanos que lutam contra as injustiças ambientais. In: Kassiadou, A. (Orgs). **Educação Ambiental desde El Sur**. Editora NUPEM, 2018, p. 181-193.



Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

VIEIRA, M. C. S; MESQUITA, N. A. S. Tecituras sobre a educação ambiental crítica e a modernidade líquida. In: SEABRA, G. (Org). **Terra: objetivos do desenvolvimento sustentável no mundo pandêmico**. Editora Barlavento, 2023a, p.527-538.

VIEIRA, M.C.S; MESQUITA, N.A.S. Educação Ambiental crítica e formação de professores de química em tempos de modernidade líquida. In: XXI Encontro Nacional de Ensino de Química. **Anais [...]**. Uberlândia – MG, 2023b, p.1-12.